

copy...
SHELTON DAVIS
INDIGENIA

Proc. n.º 3232/77

Fls. 2

Rubrica

RELATÓRIO DA OPERAÇÃO TAPAIUNA OU BEIÇO DE PAÚ

CED - P. I. B.
DATA 01/10/86
OD TPO 01

TAM

Dia 31 de Agosto de 1971, cheguei em Cuiabá juntamente com o índio Tariri, da tribo Tapaiuna ou Beiço de Paú, e no mesmo dia apresentei-me ao Sr. Delegado da 5ª DR-FUNAI. No dia 2, 3 e 4 de Setembro, dei início ao trabalho, digo, as compras de medicamentos. Levando em consideração o plano de trabalho, tomei informação com o Chefe de Transporte da 5ª DR, com referência ao Barco a Motor e no entanto, esta jurisdição não tinha Motor em condições.

A 5ª DR, tem mais dos Motores de Popa, mas estão todos esganalhados com a previsão de mandar consertar futuramente. Nestas circunstâncias procurei entrar em contato com os donos de todas as fazendas vizinhas, sendo que uma das quais o que parece, está sumamente interessada na desentreditação daquela mencionada área dos Tapaiunas ou Beiço de Paú a qual refiro-me é a Fazenda Apasa-Apolinário S/A., na esperança de conseguir um Motor de Popa, explicando que o serviço que ia desempenhar naquela região tinha a previsão de 60 dias. Verbalmente tudo parecia dar certo, mas no tocante a realidade, precisava de uma aprovação de alguns dos gerentes, que naqueles dias se encontravam nas Fazendas. Falei com pessoa da Fazenda São Paulo no mesmo assunto, mas a situação era semelhante. Então tomei uma decisão de pegar o avião que faz linha para a Gleba Arinos e evidentemente passar por maioria das Fazendas no qual eu estava interessado a visitar com a finalidade de ver se conseguia um Motor de Popa e naturalmente colher melhores dados e informações precisas, com moradores simples da região e no retorno, voltar de caminhão particular passado pela Boca da Mata, lugar denominado "Baiana" e ficar uns dias no local. Local este onde a mencionada carta do Padre Tomaz, desatualizada carta, onde referia ter informações de existência de índios remanescentes Tapaiuna ou Beiço de Paú. Deixei o índio Tariri na 5ª DR, sob a vigilância do Chefe de Transporte, visando a redução de despesa que por minha vez, achava desnecessária. Resumo, não consegui o Motor de Popa, assim como, também não encontrei vestígios e nem notícias da existência de índios, nos lugares denominado "Baiana" e "Boca da Mata", na estrada que vai a Gleba Arinos. Digo desatualizada carta do Padre Tomaz de Aquino Lisboa, pois para chegar nos lugares denominado "Baiana" e "Boca da Mata", na estrada que vai para a Gleba Arinos, tem que ir pela estrada de Cuiabá - Santarém, descendo pela margem direita do rio Arinos, e não pela margem esquerda como escreveu o Padre Tamaz, ficando assim, aproximadamente 200 Kms fora da Reserva. Voltei para Cuiabá, para pegar o meu material e o índio e descí para o Rio Arinos com viatura da 5ª DR, porém, já sabendo que o meu Motor de Popa, ia ser remo. Foi então que, por ordem do Gen. Flôres e Cel. Olavo, fui designado para ir fazer investigações da existência de índios, junto ao Pelotão de Topografia do 9º Batalhão de Engenharia e Construção na Estrada Centro-Oeste ou Cuiabá-Santarém, serviço este que naqueles dias tinham prioridade. Foi aí então, que a previsão da Operação Tapaiuna ou Beiço de Paú, foi alterada, isto, sem contar com a falta de um Motor de Popa, pois, como somos sabedores que nas águas da bacia Amazônica, o carro é um Motor de Popa ou uma lancha a motor, não tem outro jeito, pois, sabemos perfeitamente que agora é o governo, quem está abrindo estrada na Amazônia. Depois do dia vinte e sete de Setembro, data esta em que escrevi o relatório de serviço prestado junto ao 9º BEC, é que fui reiniciar a Operação Tapaiuna. Fui até a barra do Rio Verde ou Rio Claro de viatura oficial da 5ª DR., deste mencionado lugar descí o Rio Arinos remando até chegar na barra do Rio Alegre, levando três dias até este local. Subimos o citado Rio Alegre cinco

dias até chegarmos num lugar onde os índios Tapiunas tinham uma travessia para irem observar as grandes derrubadas de mata na Gleba Anassa-Pô, Fazenda da Tarlei Villela, Gleba esta, que fica entre o Rio Claro e Rio Alegre. Deste ponto fizemos a nossa primeira penetração caminhando paralelo com o Ribeirão Miguel de Castro e pequenos afluentes do Rio Alegre. Fomos até uma estrada, estrada esta, que dá acesso para a Fazenda Apasa Apolinário S/A, e Fazenda Continental, justamente esta estrada corta a Reserva no meio. O índio Tariri disse-me que as águas que descem para o Rio do Sangue, não é mais do seu País e sim pertencente aos Kumen-Kran-Ianranti, palavra esta que no seu idioma significam "O homem grande do cabelo cortado".

O índio Tariri, afirma que eles brigavam muito com esta tribo por eu desconhecida, no espigão entre o Rio do Sangue e o Rio Arinos e também brigaram várias vezes nas águas do Rio do Sangue perto da barra do Rio Sucuruina ou ponte de pedra, onde ele julga que deve ter uma grande aldeia, por ter muito vestígios, isto, na época do veraneio, quando ambas as tribos iam fazer colheitas naquela região.

Segundo diz Tariri, esta área é muito rica em caças e que a maioria destes índios, que para ele é estrangeiro, moram perto, digo, moram do outro lado do Rio do Sangue, ou seja, da margem esquerda do Rio do Sangue e que são muitos e também perigosos e que sempre levaram desvantagens nos seus combates. E pelo jeito, são atrevidos mesmo, não sei se é porque já notaram a ausência dos índios Tapiunas, o certo é que já buscam flechar na região dos Tapiunas. Conclusão: no dia em que cheguei de Brasília, tive a oportunidade de falar com o Padre Edgar Schmit, padre este que chefia a tribo dos índios Canoeiros ou Erigpactsa, aqui na sede da Sª DR e o mesmo me falou a respeito destes índios que residem na margem do Rio do Sangue e por sinal, é a terceira vez que o Padre Edgar me fala a essa respeito, e que até um aviador falou para ele, que esses índios moradores do Rio do Sangue, tem a maior Aldeia vista por ele aqui no Estado de Mato Grosso. O índio Tariri diz que são muitos e que sabe aonde eles moram e que essa tribo usa arco e flecha pequena em comparação a deles e que usam um pequeno côco furado encastuado pra-traz da ponta da flexa que na medida que a flexa vai voando, vai também assobiando. E daquele ponto já no espigão do Rio do Sangue e Rio Arinos, o índio Tariri quis voltar a legando que dali pra frente não pertencia aos Tapiunas e que estávamos, só em dois e que ali já conhecia a reação dos KumenKran-Ianranti, ou seja dos homens grandes dos cabelos cortados; como antes, já resaltei, voltamos para as margens do Rio Alegre e desta vez nós só passamos por três aldeias, duas estava em pé e a outra estava queimada e no local da Aldeia está cheia de Capim Gordura, não sei como Capim Gordura veio esbarrar ali nas duas anteriores, digo aldeias uma das quais tinha vários cadáveres, isto é, ossos de vários cadáveres de índios Tapiunas e muitos artesanatos assim como, arcos e flexas e outros adornos. Então descemos o Rio Alegre e depois o Rio Arinos, chegamos em um lugar onde tivemos de puxar o Barco para dentro de um lago, que eles dão o nome de Gôu-Huamënti, eu não sei traduzir esta palavra, ao que fiquei sabendo através da convivência com o índio Tariri, de acordo com o grupo era dividido entre dois, a água do Lago era também dividido, pois, este Lago tem uma espécie de cabo que divide o Lago quase no meio. O fato deste Lago ser dividido é porque nele existe muito Peixe Tucunaré, muito Jacaré, muitas Curimatá, até Anta e Capivara eu vi. Então ali era um grande ponto de veraneio, fomos em várias e pequenas Aldeias, mas como já disse, aldeias de veraneio.

Deste lugar descemos para o lugar onde estivemos com esta tribo em 1969, lugar este, onde os Tapiunas pegaram a epidemia posta pelos Jornalistas caras-de-paú, pois, eles mesmos escreveram com as próprias mãos criminosas estas frases, em uma tábua que ainda se encontrava no

velho rancho abandonado onde eles se hospedaram, os Jornalistas aos quais eu estou me referindo, escreveram estas frases na citada tábuca que seguirá para Brasília, frase esta que justifica a sua própria culpa, porque, trazer uma gripe para uma tribo que ainda se achava praticamente hostil, é preciso ter Cara-de-Pau e mais, Cara -de-Pau, foi o responsável que aceitou um homem gripado ficar n'uma frente de Atração só pelo fato de querer ser notícia em uma negra e triste reportagem que custou vidas; nesse lugar onde foi o antigo Posto de Atração dos Tapaiunas ou Beijo de Páu, não existe mais ninguém, descemos mais uns cinco quilômetros, fizemos um ponto de apoio bem afastado da margem do Rio Arinos, puxamos o nosso barco no seco e então partimos para mais uma caminhada. Desta vez passamos por seis Aldeias sendo que duas das quais o que tudo parece; se esta iniciativa fôsse seis meses atrás, eu tenho uma ligeira impressão, de que podíamos ter salvo três vidas. Desta vez, eu fui sair na Sede da Fazenda ABC ou Apasa Apolinário S/A., que segundo a afirmação do gerente dessa mencionada Fazenda, a distância é 42 Km., afastado da margem esquerda do Rio Arinos e mais ou menos 20 km., do Rio do Sangue. Nesta citada Fazenda foi então que passei um rádio para Cuiabá, transmitir para ASTEC-FUNAI, Brasília, General Ismarth, pedindo que me fôsse concedido uns dias do mês de Novembro, para o término da Operação. Voltando ao assunto, Padre Tomaz de Aquino Lisboa, ele escreve na mencionada carta que tem a data de 28 de Janeiro de 1971, na qual ele se refere que tiveram a possibilidade de ir em várias aldeias, acredite quem quizer, eu não, digo não acredito, pelo fato de todo material dos falecidos Tapaiunas ainda se encontrarem nas aldeias do jeito que os índios morreram e deixaram o material do seu uso enfiado nas palhas das malocas, outros pendurados estavam lá do mesmo jeito. As aldeias que foram abandonadas, estão todas queimadas e o material está todo quebrado, panela de alumínio cortado com facão em sinal ou desespero de causa. O Padre Tomaz mandou um rapaz que davam o nome de irmão Vicente, ir na aldeia com um índio, mais antes de chegar encontraram flechas quebradas, então o índio Tapaiuna disse, vamos Vicente esta é minha gente, e o senhor Vicente disse que estava com fome e dali voltaram portando os pedaços de flechas dos índios que naqueles dias ainda sobreviviam, apesar dos outros índios saberem que eles estavam muito doentes naturalmente afetados pela epidemia. Tariri disse que esses índios que ficaram para trás naquela época, foram convidados, pelos seus patrícios a viverem, digo a virem se integrarem junto ao branco, ou seja Padre Tomaz com finalidade de tomar remédios, mais eles não quiseram aceitar a proposta, então precisava de uma pessoa ir na aldeia medicá-los, justamente para quem conhece o trabalho é o que seria certo, mais isto não aconteceu, resultando, morreram. Eu vi coisas desagradáveis nesta viagem, é pela segunda vez, que vejo índios desesperados, em uma das vezes em que eu insistia com o índio Tariri, para irmos mais para frente, ele falou para mim, sentou-se, pôs as duas mãos na cabeça, depois bateu com a mão direita em cima do coração e nesta altura já estava chorando olhando para os ossos todos fustados pelos porcos da mata, lembrando que no meio daqueles ossos, estavam os ossos da moça que ia ser sua esposa e falou as seguintes palavras em sua idioma que dias depois, com muito jeito, fiz ele repetir as mesmas palavras; Karai-tân-aitinênvaine Kêre, Kêtt Kue n, que significa: vocês civilizados mataram todos, tudo acabado, estas palavras ele falou quando estava em choro. É o seguinte, não sei se alguém já sabe disto, a minha avó era índia Apiaká, meu avó era Boliviano, minha mãe casou-se com um Amazonense descendente da tribo de índios Maués, então meu sangue é uma espécie de salada mista, que resumindo todo isto, eu venho a ser caboclo. Eu não sei escrever um relatório com ótima redação, a única coisa que eu sei bem é trabalhar cientificamente com índio, como proceder em uma frente de atração, como organizar uma expedição, como pacificar o índio hostil, a maneira de como conseguir uma amizade com índios nos seus primeiros contatos. A pessoa que me ensinou tudo isto, o nome dela é Fran

cisco Meirelles, homem de larga experiência no ramo de indigenismo. Também entendo de serviços agro-pecuário desde a formação de pastos à criação de gado e serviço de lavoura em geral; é por isto, que eu não acho uma palavra certa para escrever e explicar com clareza como me encontrei perante a aquele quadro, quando vi meu único companheiro chorando, fiquei tão comovido, não entendi mais nada, acho que até chorei não sei, a gente procura uma resposta e não encontra porque isto aconteceu; o motivo prendeu-se ao fato de que a Operação Tapaiuna naquela época não foi em tregue para a pessoa indicada. A Operação Tapaiuna naquela época devia ser entregue para o Sr. Fritz Tolksdorf, que naqueles dias se encontrava junto com a Operação Sr. Fritz, de idade avançada, que não tinha assim como, não tem hoje condições físicas para fazer grandes caminhadas, mas tem um pouco de experiência sabe o que é responsabilidade, tem iniciativa isto já é uma grande coisa. Voltando ao assunto, tarde de tristeza, só sei dizer que naquela tarde, que Tariri chorou nós dormimos sem jantar, Tariri não falou mais comigo, eu também não ia abusar da sua tristeza, só no outro dia, ele me falou que devemos seguir viagem e passar por uma roça aonde ali queria procurar batata e cará, e eu levei dessa aldeia um arco duas flechas e uma cabacinha que ainda se encontravam com semente de Urucum. Nesta viagem Tariri confeccionou um conjunto de Artesanato típico para dança e duas flautas e disse que estas conjuntos e as flechas devia ser entregue para o Thé-Iamuti que significa Grande Chefe, então este material seguirá para Brasília e deve ser entregue para o General Jerônimo Bandeira de Melo, assim como, arco e flecha, um jogo de chocalho de pôr no pé e a cabacinha deve ser encaminhada para o Dr. Paulo Monteiro do DGEP. Depois de ter voltado da caminhada que passamos por seis aldeias, Tariri disse que tinhamos de percorrer a divisa do seu País. Descemos mais uma vez o Rio Arinos até perto da Fazenda Iporanga, e fizemos mais uma penetração e encontramos novamente vestígios velhos perto da cabeceira de um córrego que fica pra baixo da Iporanga, vestígios esses bem como, lugares de fogo, pequenas casinhas e estes índios usam rede, quando os Beijos de Paú não usavam, mais também retornaram ao rio do Sangue. Eu faço questão de acrescentar no meu relatório o seguinte: uma pessoa como eu tenho receio de perder a confiança dos meus chefes, pelo fato de ter demorado a fazer um serviço deste, como foi o caso Operação Tapaiuna, mas há um detalhe, eu custei mais fiz como ele devia ser feito, se alguém levar isto em consideração me dará razão. Desenterdi-
 tar uma Reserva não basta, só se atualizar com informações, uma área desta tem de ser vasculhada em todos os limites, para poder provar com absoluta certeza não só no momento, mais também com o tempo, a existência ou não de índios remanescente dentro de uma Reserva.

Digo e afirmo, índio Tapaiuna ou Beijo de Paú, não existe mais dentro da Reserva criada para eles, pois apesar da dificuldade, cumprimos as ordens do General Ismarth em fazer uma minuciosa retificação deste trabalho. Pois bem, com já escreví, dentro da Reserva já nas águas do Rio do Sangue, até mesmo nas águas do Rio Arinos, índios por mim desconhecidos, fazem colheitas na época de verão e que tem estrada que corta a Reserva no meio o que a Fazenda Continental está dentro da Reserva, em um afluente que já corre para o Sucuruína ou Ponte de Pedra. E que demorei, primeiro pelo fato da informação do Padre Tomaz de Aquino Lisboa ficar completamente fora da Reserva e além de tudo muito contra mão. Segundo, demorei também pelo fato de ser autorizado por Brasília a ir fazer investigações na frente de Topografia do 9º BEC, na estrada Federal Cuiabá-Santarém. E a maior demora, foi também pelo fato de não ter um Motor de Popa, pois, só dentro do Rio Arinos, remamos eu e o índio Tariri, o total de 430 quilômetros, fará os dias que subi e desci o Rio Alegre. Sentia o peso da responsabilidade o qual estava incumbido, assim como, também sabia da necessidade do que a minha pessoa estava fazendo em outra frente de trabalho, assim

ISA

Proc. n.º 3231/71
Fls. 2
Rubrica

Cont.5.

como, o 9º BEC. Mas acontece que eu não tinha a possibilidade de produzir mais do que era possível, a área é muito grande. Eu sou um homem escravo da obrigação e levo a minha profissão a sério, não há distância que me separe ou que me faz deixar de cumprir com os meus deveres e que só não terminei antes, porque não foi possível.

Cuiabá, 18 de Novembro de 1971.

Antônio de Souza Campinas

Antônio de Souza Campinas

Sertanista VII

